

## AS VÁRIAS VERSÕES DO “DIÁRIO ÍNTIMO” DE GODOFREDO FILHO: UMA APRESENTAÇÃO

Elizabeth Hazin (UFBA)

Ao longo de cinquenta e cinco anos, Godofredo Filho – poeta baiano desaparecido em agosto de 1992 – tentou transformar em “texto” a matéria de sua vida. De 1932 a 1987, ano em que – por causa de um derrame cerebral – passa a ficar retido em seu leito, sem praticamente exercer atividade intelectual alguma, escreveu e – o que é mais curioso – “reescreveu” esse longo texto que denominou seu *diário íntimo*.

*Diário, Meu Diário, Diário Íntimo, Fragmentos de um Diário, Notas para um Diário, Subsídios Sumaríssimos para um Diário*, são alguns dos títulos em torno dos quais reuniu, em épocas distintas de sua vida, os textos que ia compondo.

Na realidade, seus escritos correspondem a apenas trinta e três anos desses cinquenta e cinco referidos anteriormente, de vez que em vinte e dois deles, nada escreveu.

Constam do Arquivo Godofredo Filho, depositado hoje no Acervo de Manuscritos Baianos do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, um total de 790 peças documentais referentes ao *diário*, embora essa totalidade corresponda tão-somente a 349 dias registrados (menos de um ano, tudo somado), o que é muito pouco, se considerarmos o longo período em que seu desejo de registrar a vida esteve vigente. Isso significa que essa “duplicação” (ou mais até) do material escrito em relação ao número de dias advém do fato de que ele refazia os textos escritos, em alguns casos registrando-se um número de versões de um mesmo dia superior a dez. Em 1944, só para citar um exemplo, ele registraria apenas 24 dias, mas existem 98 versões ao todo, distribuídas entre os dias registrados desse ano.

Da totalidade de 790 peças, apenas 97 estão manuscritas, sendo as demais datilografadas e contendo – em sua maioria – anotações de punho: rasuras e acréscimos marginais, o que denota sua preocupação em torno desses escritos e sua constante retomada dos mesmos, com o intuito de alterar-lhes a forma ou o conteúdo.

O exame de todo esse material – capaz de retratar uma época ou delinear o perfil intelectual daquele que o compôs – aponta de imediato para duas questões centrais. A primeira delas seria a da veracidade ou não veracidade dos fatos relatados, dos estados de espírito ali elencados, das reflexões feitas sobre esse ou aquele assunto. Quando se fala aqui de veracidade, não se está querendo aludir à possibilidade de que Godofredo Filho haja inventado o que não tenha acontecido, mas sim à idéia de que tudo o que está registrado na infinidade de folhas amareladas ali dispostas

foi registrado apenas na medida em que ao autor interessava que seu “leitor” tomasse conhecimento apenas daquilo (e nunca mais do que daquilo). Ao leitor jamais é dada uma totalidade, mas uma fração do todo que enformará a sua visão de uma realidade ali instaurada.

A segunda questão que aqui se coloca é o papel que joga o estilo, a importância mesmo da forma, sobretudo quando consideramos o caso de escritores, que dificilmente conseguem se subtrair ao seu jugo. Mas seria o peso do estilo capaz de alterar a veracidade do que vem escrito? E em que medida?

“Nada deveria ser mais ‘natural’ que falar de si mesmo”, diz o início do texto de Bruner & Weisser, intitulado *A invenção do ser: a autobiografia e suas formas*.<sup>1</sup> Mas, na verdade, lembram esses autores, existem convenções tão fortes de gênero e de estilo que chegam a determinar o rumo de uma atividade tão solitária como a de escrever um diário, por exemplo.<sup>2</sup> A expressão liberta, mas os limites cerceiam.

No caso específico de Godofredo Filho, alguns temas se sobressaem nesse texto lentamente entretido: anotações sobre leituras, descrição de viagens que seu trabalho no SPHAN o levou a fazer (foi durante 30 anos Diretor da Seção Bahia do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), estados de alma, reflexões sobre a arte e a poesia, “meditação de verdades eternas” (para usar palavras do próprio autor), descrição de refeições realizadas e de vinhos (o arquivo, aliás, é rico de vestígios que indicam que seu titular se tratava realmente de um *gourmet*). Raramente ele se detém sobre acontecimentos prosaicos do dia, sendo todos esses temas tratados com uma linguagem mais que lapidada. Existe nesse autor uma capacidade impressionante de descrever sensações, algo a ser destacado na escritura de seu *diário*. Atente-se a esse trecho, sinestésico por excelência:

*Merendo uma fruta brasileiríssima que, desde menino, não tornara a provar: jaca mole. Impossível maior condensação de açúcar nesses bagos que se diluem na boca. E o aroma! Qualquer coisa de puro e de macio. Sim, há perfumes que são macios. Sua carícia no paladar é como pluma ou pelúcia. (Colégio - SE, 10/2/42).*

Talvez se devesse dizer que esse poeta escreveu uma autobiografia literária, ao invés de um diário íntimo. A natureza de seus escritos se aproxima mais da primeira que da do segundo. Inclusive, há um detalhe interessante: emergem do *diário* textos nascidos da memória puramente, notícias distantes no tempo sobre a infância e a família, sobre lugares visitados, e que terminam por ganhar vida e título independentes, não

---

<sup>1</sup> BRUNER, J. & WEISSER, S. *A invenção do ser: a autobiografia e suas formas* in OLSON, D. & TORRANCE, N. *Cultura e oralidade*, São Paulo: Ática, 1995, pp.141-161.

<sup>2</sup> Cf. Idem, p. 142.

ostentando mais, no alto, a fórmula local/data, consagrada no gênero diário. Isso significa que seu diário não era um mero repositório de pensamentos oriundos da travessia dos dias e noites que ia vivendo, mas suscitador de um estado específico que o transportava a outros tempos, a outras situações. Havia nesse poeta uma nítida preocupação autobiográfica, tanto que seu arquivo é pontilhado de anotações especiais rotuladas como “anotações autobiográficas importantes”, “documentos importantes da infância”, bem como de pequenos textos biográficos já prontos que dão conta de certas especificidades suas: seu lado acadêmico, profissional, religioso, etc., e que foram escritos com finalidades próprias, para um ou outro momento de sua vida, como é o caso da longa carta escrita a Carvalho Filho (e a pedido deste), a fim de orientá-lo na redação do discurso de recepção que lhe fez na Academia de Letras da Bahia.

A impressão que se tem diante da leitura do diário de Godofredo Filho, é que ele de fato engendrou várias “autobiografias” de sua vida, nelas reunindo lembranças diversas, organizadas em torno de diferentes assuntos ou temas, dependendo da ocasião. No arquivo, após a leitura da totalidade dessas peças documentais, podem ser percebidas duas etapas diversas de organização da escritura, geneticamente falando. Uma poderia ser intitulada **etapa linear**, e corresponderia à do conjunto ordenado cronologicamente pela pesquisa e composto de tudo o que fosse peça do diário encontrada em seu espólio, contendo os dias diversos e suas variantes (pode-se, dessa forma, acompanhar geneticamente o percurso de um texto referente a cada dia em seu fazer-se). A outra poderia, então, ser intitulada, por sua vez, **etapa seletiva**, ou seja, aquela que corresponderia a conjuntos de textos agrupados em períodos diversos da vida do autor (em sua maioria, girando em torno de temas), e que contemplariam porções de seu diário, por ele próprio selecionadas. Esses conjuntos de textos constituem, assim, livros individuais, com título, às vezes até com epígrafes (como a de Montaigne: “Ouso não somente falar de mim, mas falar somente de mim”), às vezes contendo observações indicativas de procedimento seletivo, observações essas escritas entre parêntesis sob o título: *a corrigir, primeira via, a catalogar, duplicatas a rever, cópias antigas, revisto, vigente, a inutilizar, versão definitiva (60-67), etc.*

Todos esses “livros” ou “diários” constituem, em última instância, as múltiplas versões de um “texto final” que terminaria entregando ao escritor Fernando Peres, para publicação. A bem da verdade, este livro nunca veio a lume. De tudo o que existe no arquivo relativo ao **diário**, apenas alguns poucos trechos foram publicados em jornais, por três vezes, ainda em vida de Godofredo Filho.

Uma das peças documentais do arquivo, datilografada, e onde se lê no alto “Salvador, 4ª feira, 19/3/80, diz o seguinte:

Que diabo! O vinho salpicou-me algumas páginas do texto manuscrito do *Diário*. Gotas violáceas de Porto ilham-se na brancura do papel e, nesta passagem que tenho sob os olhos, curiosamente incidem sobre as palavras “amor” e “desejo”, quase que as delimitando e constringindo, como se eu também buscasse prender, num círculo, a sombra esquiva de alguém. Devo refazer essas páginas pelo que apresentam de insólito e feio, e para que, amanhã, os farejadores do meu espólio literário não me incriminem, como alguém a Boswell, por seus originais, igualmente avinhados, da *Vida do Doutor Johnson*.

Ficam evidentes, nesse trecho, o rigor estilístico e a quase “invenção” do fato (as gotas que caem justo em cima de palavras-chave), bem como o passar a limpo do texto, antes manuscrito, agora datilografado. Não se deve deixar de lado, ainda, a consciência (ou o desejo) de que seu texto seria lido no futuro e que era preciso, portanto, deixá-lo limpo (literal e metaforicamente).

Ademais, o próprio autor vai dando certas pistas aos “farejadores” sobre o que representa para ele o seu diário e o que pensa acerca do gênero por ele escolhido, na medida em que discorre ao longo de sua escritura sobre o próprio tema “diário”, citando aqui e ali trechos de escritores que ao gênero fazem referências. No dia 8 de abril de 1950, escreverá:

Marañon tem razão quando afirma que um diário sincero equivale a um lento suicídio, processando-se em segredo, a cem mil léguas subterrâneas da alma do mundo. A solidão nessa profundidade ardente é quase desespero e jamais – como os frívolos poderão pensar – um salutar processo catártico”.

No dia 27 de fevereiro de 1944, tece comentários sobre a leitura de Amiel. Afirma que “a lucidez desse introvertido debruçado sobre o remanso azul de sua neurose, e que outra paixão não teve senão a de ver-se viver” , lhe comove menos do que lhe perturba. E aí se pergunta sobre o quê, afinal, se salvaria em Amiel, para concluir linhas depois: “algumas dessas luminosas páginas do *Journal*”. Termina citando o próprio Amiel, a respeito do assunto:

O diário íntimo nada mais é que uma meditação visionária, busca a aventura, mas sem perseguir um objetivo. A conversação de um eu consigo próprio não passa de um esclarecimento gradual do pensamento. Quem afirma é breve, quem procura é demorado, quem sonha anda em linha irregular (Amiel, *Journal Intime*, 18/7/1877).

Concluo essa apresentação, onde tive o propósito de mostrar o que move esse autor na construção de seu diário (no fundo, ele se revela a cada passo a seu leitor, tanto no que diz, quanto no que cala), repetindo as

palavras de Godofredo Filho, impressas no *diário* a 11 de maio de 1962:  
“O que nos mata não é o que calamos, como escreveu alguém; é o que  
dizemos para esconder o que calamos”.